

Arte e sustentabilidade: uma reflexão sobre os problemas ambientais e sociais por meio da arte

Juliana Cardoso *

Resumo

As correlações entre o mundo da arte e da sustentabilidade constituem uma tendência da contemporaneidade. Há uma emergência na busca por estruturas estéticas que correspondam à expansão de reflexões acerca das alterações sofridas pela natureza e estimuladas pela sociedade de consumo. Dentro deste quadro, que busca a transformação de valores da sociedade em prol do meio ambiente, este artigo pretende demonstrar como alguns artistas têm envolvido suas produções, de modo direto ou indireto, ao discurso da sustentabilidade e, ainda, evidenciar a importância destas obras como agentes de reflexão sobre a preservação ambiental.

Palavras-chave: desenvolvimento sustentável, arte, sociedade contemporânea.

Abstract:

The correlations between the world of art and sustainability is a trend nowadays. There is an emergency in the search for aesthetic structures that correspond with the expansion of ideas about changing of nature stimulated by consumer society. Within this framework, which aims the transformation of social values in favor of the environment, this article intends to show how some artists have involved their production, either directly or indirectly, to the discourse of sustainability, and highlights the importance of these works as agents of thinking about environmental preservation.

Key words: sustainable development, art, contemporary society



* **JULIANA CARDOSO** é Prof^a. do Curso de Design de Interiores da Faculdade de Arquitetura Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia -UFU. Atua principalmente na área de mobiliário e sustentabilidade social e ambiental do design. Mestranda em Geografia-UFU.

Desenvolvimento sustentável e sociedade de consumo

O desenvolvimento sustentável é de fato uma questão-chave da sociedade contemporânea, mas não quer dizer que seu significado esteja ligado somente às questões ambientais, ainda que se encontre aí sua origem. O conceito contempla temas globais como a degradação ambiental, mudança do clima e perda da biodiversidade e ainda faz uma ligação entre essas questões de âmbito ecológico a outras de âmbito social como equidade e o funcionamento das sociedades. Neste sentido, tem se tornado frequente questionamentos sobre a maneira como o homem consome, produz e vive.

A cultura de consumo transformou-se em uma das principais referências de legitimidade de comportamentos e valores, constituindo-se em um dos eixos centrais do mundo globalizado. Ono (2006) afirma que “o processo de globalização, destituído de postura ética e moral perante a sociedade humana, tem fomentado o desequilíbrio cumulativo da natureza e o surgimento de graves problemas sociais, culturais e econômicos.” (p.27). Postura essa, amplamente discutida e contestada pelo conceito de desenvolvimento sustentável. Argan (1992) já questionava a economia capitalista:

Nos países capitalistas, de economia altamente competitiva, tem-se o fenômeno já mencionado: busca de um coeficiente de qualidade estética na conformação, apresentação e confecção de produtos; larga utilização de fatores estéticos para a difusão dos produtos e o incremento do consumo (p. 511).

Nesse contexto de crítica ao consumismo em prol de um desenvolvimento sustentável, os

produtos deveriam passar a se vincular ao duradouro, devendo também contribuir para a desaceleração dos ciclos de substituição, evitando-se o descartável. Esses questionamentos levaram à pesquisa de novas maneiras de conceber, produzir e consumir, à exploração de novas fontes de energia, ao consumo de lazer cultural, à produção de bens coletivos, dentre outros aspectos, objetivando a proteção dos recursos naturais e do meio ambiente (ONO, 2006). Sob este prisma, a arte pode ser de grande interesse ao conceito de desenvolvimento sustentável. Isso porque as artes tocam emoções, podendo influenciar novas visões de mundo.

Neste artigo será apresentado um breve histórico sobre as relações entre o meio ambiente e a arte e serão analisadas as obras dos artistas contemporâneos: Renata de Andrade, Henrique Oliveira e Frans Krajcberg já que eles vêm envolvendo suas produções, de modo direto ou indireto, ao discurso da sustentabilidade e, ainda, pretende-se evidenciar a importância de suas obras como agentes de reflexão sobre a preservação ambiental.

Meio ambiente e o mundo da arte

No mundo da arte, juntamente com a origem das preocupações ambientais, surgem as primeiras “obras ambientais”, como *Time Landscape*, (1965-78) de Alan Sonfist. Em um terreno baldio na cidade de Nova York, o artista norte americano procurou recriar a paisagem do século XVII, por meio do plantio de árvores nativas, transformando o espaço em um pulmão vegetal inserido em um contexto metropolitano extremamente denso. Uma intervenção que chama a atenção diante do entorno concretado da cidade e que busca refletir sobre os problemas ambientais gerados pelo

desenvolvimento econômico e industrial predatório.

A história demonstra que sempre houve uma interação entre a arte e o universo que a cerca, refletindo costumes, valores, significados e ideais dos indivíduos de cada época. Sob este prisma, a arte como uma atividade que procura explorar e refletir sobre a realidade pode ser de grande interesse ao conceito de desenvolvimento sustentável. Isso porque “(...) as artes estão muito bem equipadas para tocar os sentimentos e as emoções, podendo influenciar o comportamento humano, suas visões de mundo e estilos de vida” (DIELEMAN, 2006, p.125).

As correlações entre arte e sustentabilidade constituem uma das tendências da sociedade contemporânea. Conforme Dieleman (2006), com essa abordagem, os artistas podem trazer contribuições reais, uma vez que eles, mais do que outros grupos na sociedade, têm a capacidade de redefinir as significações da realidade, romper fronteiras, sair dos quadros institucionais e pensar de maneira lateral, representando os problemas da contemporaneidade de maneira mais simbólica e estética. Portanto, a obra de arte pode atuar como espelho do que as sociedades e os indivíduos sentem, pensam e fazem.

Cada vez mais, deveriam ser criados espaços no limiar entre a área artística e as diferentes esferas de vida, nas quais se realizassem, por longos períodos, e a um só tempo, trabalhos experimentais artísticos, científicos e sociais, em prol de uma modernidade sustentável (KURT, 2006, p.143).

A apropriação de resíduos pela arte

O desperdício e o descarte de bens duráveis e efêmeros – incentivados pela cultura americana do consumo – também trouxe à tona problemas ligados ao acúmulo de lixo nas cidades. De acordo com Andrade (2007), há muitos anos o grande volume de lixo começou a impor sua presença em nossa sociedade. Isso exigiu uma posição quanto a seu fim e suas consequências, transformando os problemas ecológicos e sociais em preocupações forçosamente urgentes.

Em Arte Moderna, Argan (1992) intercede favoravelmente ao emprego na arte de materiais descartados. Segundo o autor, as coisas recolhidas e combinadas nos quadros de Kurt Schwitters (1887-1948) foram descartadas por terem cumprido sua função, por não apresentarem mais serventia. O artista empregava a técnica de colagem cubista. O movimento tentava demonstrar que não existe separação entre os objetos do mundo e o espaço da arte, “de modo que as coisas da realidade podem passar para a pintura sem alterar sua substância” (p. 359). Argan ainda defende o uso desses resíduos dizendo que:

Não há nada de lastimável ou patético no gesto de recolhê-las, e não porque este venha a revelar alguma da sua beleza secreta e ignorada. Mas, por serem coisas ‘vivas’, comporão no quadro, com outras coisas igualmente ‘vivas’, uma relação que não é a *consecutio* lógica de uma função organizada, e sim a trama intrincada e, no entanto, claramente legível da existência. Ou, talvez, do inconsciente que, como motivação profunda, determina o fluxo incoerente da vida cotidiana (p.360).



Fig. 01 - Kurt Schwitters. 1939. Merz picture with rainbow.

Conforme evidenciado pela história, as formas de expressão e comunicação artística sempre assumiram estruturas estéticas variadas de acordo com a época e ou contexto em que se encontravam. Dieleman (2006) afirma que cada vez mais, testemunha-se uma ênfase maior no papel da arte, cultura e criatividade no mundo da sustentabilidade, demonstrando mais uma vez que pode haver uma conexão entre o espaço real e o das artes.

A exemplo da arte que procura representar as aspirações de seu tempo, muitos artistas vem se inspirando nas questões da sustentabilidade. Esses trabalhos têm adotado as mais diversas formas e resultado em uma grande variedade de obras.

O lixo como expressão para Renata de Andrade

Segundo Chiarelli (1999), “é como resíduo que a arte neste século, em muitos casos, tem encontrado o seu sentido, seu único espaço de transcendência” (p. 258). A produção da artista brasileira Renata de Andrade, radicada na Europa há mais de vinte anos, tem empregado esses vestígios como sua expressão plástica e de crítica ao consumo desenfreado. Ela age como uma “colecionadora” de alguns objetos industrializados que foram descartados pela sociedade, como garrafas, tampinhas, sacolas plásticas, papelões etc, retirando-os das ruas e reciclando-os pela arte. Desprovidos da função original, esses elementos agora unidos numa mesma forma ou composição e com múltiplas possibilidades de significação, são lançados novamente ao fluxo da vida por meio de sua obra.



Fig. 2- Renata de Andrade. Objetos quadrados. 150x150x7 cm. 1995.
Rietveld Academie. Foto: Renata de Andrade

Resende (2007) afirma que o lixo não é o único tema abordado no trabalho de Renata, mas também tudo que é rejeitado, abandonado ou esquecido pelos indivíduos. Além disso, os arranjos da artista apresentam uma contribuição social ao chamar a atenção para as comunidades de catadores de lixo, que muitas vezes são desprezadas

pela sociedade. Esses anônimos que perambulam pelas cidades puxando carrinhos precários não são reconhecidos ou valorizados, mas desempenham com seu trabalho importante papel em defesa do meio ambiente. Por meio da reciclagem, reintegram todos aqueles detritos que dificilmente se decompõe na natureza.



Fig.3- Renata de Andrade. Trash Upgrade. 2009. Exposição em Vlissingen-nl.
Foto: Renata de Andrade

Esses pontos levantados pelo trabalho de Renata, em muito se assemelham ao próprio ato da artista de resgatar detritos das ruas. Com esse gesto, ela “eterniza” os objetos em suas esculturas/instalações, rearranjando-os de modo organizado, por meio de uma seleção de cores e formas ou mesmo de amontoados. Dessa maneira, suas “construções” também alcançam belas soluções plásticas, oferecendo, ao mesmo tempo, novo sentido estético a esses resíduos.

Tapumes: o precário como matéria-prima na obra de Henrique Oliveira

Materiais precários, desgastados pelo tempo e descartados, também têm sido utilizados como forma de expressão no mundo da arte, mas nem sempre esses artistas relacionam suas produções diretamente ao discurso da sustentabilidade. Apesar disso, tais trabalhos têm despertado a atenção e consequentemente estimulado reflexões

sobre o aproveitamento de elementos até então desprezados. Exemplo disso é o trabalho de um jovem artista brasileiro, Henrique Oliveira. Ele tem valorizado o emprego de matérias-primas “pobres”, mas mesmo assim vem conseguindo criar, por meio de seus *Tapumes*, soluções visuais despojadas.

É preciso considerar que, em primeiro lugar, “interessa a Henrique explorar as possibilidades estéticas inerentes a este material, desgastado pela ação do tempo e da intempérie, e trazê-las à tona, para o lado de cá” (AMADO, 2006, p.3). Em contrapartida, a matéria-prima utilizada em sua obra, restos de tapumes usados para cercar construções, traz à tona uma constatação, a de que tal objeto sempre esteve em volta das pessoas, mas foi sucessivamente desprezado pelo olhar.

Deste modo, seu trabalho reforça o conceito de que há um limite estreito entre as coisas do cotidiano e a arte e

demonstra que tais materiais podem ser uma forte ferramenta de reflexão sobre as questões ligadas à sustentabilidade ambiental. “Olhar essas superfícies e vê-las sob o ponto de vista da arte quer dizer que elas podem ser re-significadas pelo ato de pintar e ver pintura – um movimento que vai da arte para o mundo e vice-versa” (OLIVEIRA, 2007, p. 21).

Henrique se apropria do objeto e o modifica como quem reconstrói,

reorganizando-o em camadas. Mesmo assim, deixa evidente a origem do material e explora ao máximo suas possibilidades plásticas. Através de suas instalações monumentais, pode-se verificar uma fisionomia áspera e rudimentar do elemento que constitui seus *Tapumes*, feitos de lascas de madeira deterioradas que teriam como destino o lixo e que são recolhidas pelo artista nas ruas.



Fig. 4- Henrique Oliveira. Tapumes. 2009. Rice Gallery-Houston. 2009.
Madeira 4,7m x 13,4m x 2m.
Foto: Nash Baker.

Mesmo sem incluir suas produções tridimensionais diretamente ao discurso da sustentabilidade, Oliveira (2007) relaciona suas “construções” às preocupações ambientais quando afirma que o material usado para sua criação pode remeter a três estágios de reflexão:

“(...) primeiro a aparência imediata da obra - uma instalação feita de retalhos, depois os compensados como produtos usados na construção civil e, por fim, as árvores que foram serradas e processadas pela indústria” (p. 30).



Fig.5- Henrique Oliveira. Tapumes. 2006. Centro Cultural São Paulo.
Madeira e PVC 3,5 x 12 x 1,5m.
Foto: Henrique Oliveira.

Observa-se que assim como no trabalho de Renata de Andrade, Henrique se apropria de um material industrializado que foi consumido e descartado pelo homem e o transpõe da vida para a imagem. Porém, ao contrário da artista, ele modifica e reorganiza a matéria-prima que utiliza criando outra forma. Além disso, os materiais que sempre foram ignorados pelo olhar e que seriam descartados após o uso, depois de retirados de sua função original, são convertidos através da obra desses artistas para um local de visibilidade por excelência, o circuito da arte.

Frans Krajcberg e seu manifesto em defesa das florestas brasileiras

Outros artistas vêm traduzindo sua indignação por meio de manifestos declarados contra os problemas ambientais. É o caso do polonês Frans Krajcberg (1921). Em 1948, depois de ter perdido toda a família em um campo de concentração, o artista mudou-se para o Brasil onde se naturalizou. Em constantes viagens realizadas pela Amazônia e pelo Mato Grosso, ele

assiste de perto a destruição das florestas e dela recolhe a matéria-prima essencial para a sua criação: troncos de árvores queimadas e raízes provenientes de áreas de desmatamento. Suas esculturas marcantes e sempre empregadas em prol do meio ambiente revelam uma luta solitária pela conservação do que ainda existe.

Defensor ferrenho da natureza, Krajcberg utiliza fragmentos incinerados das florestas brasileiras como expoentes de revolta frente ao desmatamento - causado principalmente por queimadas para conversão de terras para a agricultura - e as suas demais consequências ao ecossistema. Toda sua indignação também é representada por meio de registros fotográficos dramáticos que assumem caráter de denúncia. “Meus trabalhos são meu manifesto. O fogo é a morte, o abismo. Ele me acompanha desde sempre. A destruição tem formas. Eu procuro imagens para meu grito de revolta” (KRAJCBERG, [199?], não paginado).



Fig. 6 - Frans Krajcberg. Revoltas. Fotografia de queimada na Amazônia.
Foto: Frans Krajcberg

No ano de 2003, o artista doou mais de cem obras para o Jardim Botânico em Curitiba, onde foi criado o Instituto Frans Krajcberg. Mais recentemente, no ano de 2008, a cidade de São Paulo o recebeu para uma exposição de seus trabalhos na Oca do Parque do

Ibirapuera, onde também participou de uma mesa redonda. Intitulado “desafios atuais da arte e ecologia”, o debate visava refletir sobre a capacidade das manifestações culturais contemporâneas de mobilizar a sociedade perante os problemas ambientais.

Ao contrário do trabalho de Renata de Andrade, que se apropria de resíduos industrializados, sem interferir diretamente na fisionomia dos objetos, Krajcberg apropria-se dos resíduos da

natureza que foram destruídos pelo homem e os modifica com o uso de pigmentos naturais, como num gesto de quem tenta dar nova vida à “natureza morta”.



Fig.7- Frans Krajcberg. Totens. Instituto Frans Krajcberg.
Foto: Juliana Cardoso

Os vestígios da natureza e do homem utilizados em todas essas criações podem revelar uma nova narrativa: a necessidade de um olhar crítico da sociedade sobre sua cultura de consumo - que tem causado danos ao meio ambiente e, conseqüentemente, à própria sociedade. Seja por meio de uma arte como forma de manifesto, ou mesmo com o emprego de conceitos simbólicos, muitas vezes implícitos no uso de objetos ou materiais, esses artistas têm apresentado contribuições reais ao conceito da sustentabilidade, tanto em âmbito ambiental como social.

Considerações finais

Essas novas relações contemporâneas, como as que conectam arte e sustentabilidade, vêm se desenvolvendo de forma dinâmica, abrupta e, muitas vezes, com certa dramaticidade (KURT, 2006). É certo que esses artistas, com suas narrativas intrigantes e nem sempre

sutis, vêm transmitindo desconfortáveis mensagens sobre a maneira como o homem vive. Entretanto, eles encontram considerável resistência de alguns críticos que defendem a arte pela arte, com fins puramente estéticos e desvinculados de questões sociais ou morais. Mesmo diante de tal oposição continuam firmes em seus propósitos, contribuindo para a expansão dessa forma de expressão que muito se aproxima da realidade e dos desafios vividos pela contemporaneidade. Dessa maneira, a arte deste século vem se expandindo e se constituindo muito além das questões ligadas à estética, revelando-se também como objeto central das expressões da sociedade contemporânea e atuando como reflexo de sua evolução.

Referências

AMADO, Guy. Tapumes ou uma poética do avesso. **Programa de exposições do Centro Cultural**. São Paulo, mar. de 2006. Disponível on-line

<<http://www.henriqueoliveira.com/texto1.html>>
>. Acesso em 17 ago. 2008.

ANDRADE, Marco Pasqualine de. **Uma poética ambiental**: Cildo Meireles (1963-1970). (Tese de doutorado). ECA/USP, São Paulo, 2007.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos. Tradução de Denise Bottmann e Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHIARELLI, Tadeu. **Arte internacional brasileira**. São Paulo: Lemos Editorial, 1999.

DIELEMAN, Hans. Sustentabilidade como inspiração para a arte: um pouco de teoria e uma galeria de exemplos. In: Helio Hara. **Caderno Videobrasil 02**: Arte Mobilidade e Sustentabilidade. Associação Cultural Videobrasil, nº2, São Paulo, 2006.

KRAJCBERG, Frans. **Revolte**. Tradução de Tália Mouracadé e Mimi Sananés. França: [199?]. Disponível on-line <<http://www.krajcberg.vertical.fr/>>. Acesso em 20 set. 2009.

KURT, Hildegard. Arte e sustentabilidade: uma relação desafiadora, mas promissora. In: Helio Hara. **Caderno Videobrasil 02**: Arte Mobilidade e Sustentabilidade. Associação Cultural Videobrasil, nº2, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Henrique de Souza. **Tapumes**: relatos de uma experiência pictórica em três dimensões. (Dissertação de mestrado)-ECA/USP, São Paulo, 2007.

ONO, Maristela Mitsuko. **Design e cultura**: sintonia essencial. Curitiba: Edição da Autora, 2006.

RESENDE, Ricardo. O lixo o belo e o nada. **Revista eletrônica um ponto e outro**. Florianópolis, n.5, Abr. 2007. Disponível on-line <http://www.museuvictormeirelles.org.br/umpontoeoutro/numero5/ricardo_resende.htm>. Acesso em 18 set. 2009.